

# Prólogo

*O suplício do monge*  
Madrid, reino de Castela

De olhos fechados, o Santo monge ouve os sons da floresta: um arroio d'água correndo atrás de si, pássaros arrolhando em ninhos na copa das árvores e pequenos roedores se arrastando por entre folhas secas no chão. Não consegue enxergar. Apesar de forçar as pálpebras, não consegue enxergar. A exaustão é invencível àquela altura.

Angustiado, ouve zumbidos de insetos voando ao redor. Seu abdômen dói como se estivesse sendo devorado por milhares de criaturas. Um cordame apertado, que mantém seus braços presos, faz com que sangue escorra por seus pulsos. Não consegue enxergar, mas sente a textura do sangue e ouve os pingos alcançando o chão.

*Preciso abrir os olhos.*

Apesar da tarefa difícil, os abre.

Deitado de costas numa tábua de madeira no meio da mata, ele fica atordoado com o que vê. Seus braços estão presos, assim como as pernas. Tenta forçar os punhos num instinto desenfreado de liberdade. Não adianta. O máximo que consegue são novos machucados.

Sente-se fraco.

Atenta os olhos e observa uma poça de sangue embaixo de onde está. Sangue, merda e mijo. Pior do que a cena degradante é o mau cheiro. Pútrido. Pestilento. Azedo.

— Alguém me tire daqui! — grita. — Por favor!

Ouve apenas o pipilar dos pássaros como resposta.

Respira profundamente, inalando o aroma do próprio excremento. Fecha os olhos, lutando contra uma onda de náusea que vem acompanhada por um gosto adocicado no fundo da

garganta. Quase vomita. Seu abdômen dói miseravelmente: uma dor lancinante que acompanha os espasmos intestinais.

Se debate, balançando os braços, mas os ferimentos nos pulsos o impedem de continuar.

— Tem alguém aí?! — os gritos seguem.

Aos poucos, seus gritos se tornam soluços. E no fim, um silêncio assombroso.

O pânico domina.

— Qual o quarto mandamento de Deus, monge? — ouve uma voz angelical que parece vir de seu subconsciente.

— Quem está aí?! Por favor, me ajude! — suplica.

— Qual o quarto mandamento de Deus? — a voz repete.

*Quarto mandamento?* Não consegue lembrar nem do primeiro. Continua a ouvir zumbidos. Pensa em Deus: aquele que sempre o protege dos perigos.

*Deus vai me proteger nessa hora obscura.*

Sente outra pontada dolorida e um gosto nojento na garganta. Quase vomita de novo, mas consegue segurar. Agora o gosto adocicado toma conta de toda sua boca. *Isso é leite com mel? Sim, é leite com mel.* Entre o cheiro apodrecido de merda, mijo e sangue, ele pode sentir o agradável aroma de mel.

Por um instante imagina que tudo aquilo não passa de um pesadelo. Outro dentre tantos que teve na vida.

Sente outra pontada no abdômen. Contorce-se de dor.

Seus braços amarrados estão grudentos, como se o mel do qual sentiu o cheiro estivesse impregnado em seus membros. Abre os olhos. Sua visão está borrada, como quando alguém enxerga luz depois de ter passado muito tempo na escuridão.

Então descobre de onde vêm os zumbidos.

— Oh, meu Deus! — murmura.

*Não tomar Seu santo nome em vão.*

Balança o corpo para se livrar do enxame sobre si. Há centenas, senão milhares de formigas rondando o mel espalhado por seu corpo. Sobre seus braços, outros milhares de mosquitos e moscas beliscam a pele, que de tantas picadas fica purulenta e

gangrenosa, com feridas abertas das quais jorram sangue e pus.

— Oh, meu Deus! — volta a repetir.

*Não tomar Seu santo nome em vão.*

No meio das pernas, resquícios de fezes e urina que não alcançam o chão sujam os pelos de suas coxas. Há vermes esbranquiçados no excremento. É por isso que sente aquela insuportável dor: os vermes o estão devorando vivo.

Sua barriga está aberta, cortada cirurgicamente logo abaixo do umbigo, e moscas saem de dentro dela depois de depositarem ovos. Também há vermes ali. Milhares de vermes que entram e saem, deixando partes do intestino à mostra.

Enfiado no meio do corte, com duas pontas para fora, um artefato de brilho dourado chama atenção. O monge faz força para manter o pescoço firme, e se desespera ao perceber o que é aquilo enfiado dentro da barriga. Seu crucifixo.

— Por que estão fazendo isso comigo? — queixa-se.

— Qual o quarto mandamento de Deus? — a voz jovial insiste na mesma pergunta.

— Por que fazem isso comigo? — ele tenta gritar, mas o que sai de sua boca são apenas resmungos.

— Qual o quarto mandamento de Deus?

O monge força a memória.

Não se lembra dos mandamentos.

De relance, vê uma sombra atravessar sua visão.

O zumbido dos insetos se torna insuportável. Mais fezes escorrem pelas pernas. Agora, entre meio ao cheiro do monte de dejetos, sente o amargo sabor da morte. Nauseado, prende a respiração, mas logo vomita um líquido amarelado.

*Leite com mel. Me entupiram de leite com mel.*

Está morrendo. Sabe que está morrendo.

*Não mereço partir assim.*

A cada segundo os vermes se impregnam mais e mais em seu intestino exposto. Os mosquitos também não cansam de picar, tornando as feridas mais purulentas.

O monge chora.

Nesse instante até a dor vai embora. Nem a renegada dor quer acompanhar o monge em seus últimos momentos.

— Qual o quarto mandamento de Deus? — a mesma pergunta ecoa pela mata.

O monge força os braços, tentando se libertar da amarra.

— Por que estão fazendo isso comigo? — quer saber.

Silêncio petrificado.

— Por que estão fazendo isso comigo? — repete.

Uma sombra borrada surge em seu campo de visão.

— Qual o quarto mandamento de Deus?

— Vá para o inferno com o quarto mandamento! — o Santo monge blasfema e chora.

Ele respira fundo, mas não consegue levar aos pulmões a quantidade de ar necessária para saciar a necessidade de oxigênio. Está morrendo. Sente os pulmões perfurados. *Os vermes estão dentro de mim.* Inspira outro tanto de ar. Insuficiente. Pisca os olhos. Sua visão fica mais turva. *Escuridão.* Está mesmo morrendo. Está a um passo de encontrar o Criador. Ouve um barulho. A sombra borrada fica maior na sua frente quando vira a cabeça para vomitar. *Leite e mel.* Apenas isso que sai de suas entranhas enquanto tenta se lembrar dos mandamentos.

— Eu não sei qual o quarto mandamento. — revela ao sentir que sua hora chegou.

A sombra se afasta.

— Eu imploro que você me diga o motivo disso tudo. — o monge usa o pouco que lhe resta de fôlego para implorar.

A sombra interrompe as passadas.

— A resposta é o quarto mandamento. — a voz angelical revela antes de seguir caminho e desaparecer entre as árvores.

Ao ouvir aquilo, o monge cospe sangue e fecha os olhos pela última vez antes que o amargo sabor da morte se apodere de seu corpo.

*Honrar pai e mãe.*